

Rinhas de humanos: violência e negação de cidadania em Entre rinhas de cachorros e porcos abatidos de Ana Paula Maia

Daniela Cristina Lea Meireles
University of Texas

dclmeireles@utexas.edu

Resumo:

O presente artigo examina a representação literária da violência urbana na sua dimensão física e cultural questionando os efeitos da violência na vida social e humana bem como as modificações estratégicas que a mesma causa na paisagem urbana em *Entre rinhas de cachorros e porcos abatidos* (2009) de Ana Paula Maia. Na obra, a violência revela-se como um simulacro de agência social. Paradoxalmente, como numa catarse social, a violência reinstaura a paz e a ordem entre esses personagens que são ‘homens besta’.

Palavras-chave: Violência; Cidadania; Agência social; Consumo

Abstract:

The present article examines the literary representation of urban violence in its physic and cultural dimensions questioning the effect of violence in the social realm and the strategic modifications violence causes in the urban landscape in Ana Paula Maia’s *Entre Rinhas de Cachorros e Porcos Abatidos* (2009). In the novel, violence is revealed as a simulacrum of social agency. Paradoxically, as in a kind of social catharsis, violence reinstates peace and social order among those characters who are ‘men-beasts’.

Key-words: Violence; Citizenship; Social agency; Consumption

No presente artigo, argumento que no romance *Entre Rinhas de Cachorros e Porcos Abatidos* (2009), o poder da agressividade e da contravenção revela-se como um simulacro de agência para os «homens-besta» sobre os quais a obra narra. A violência torna-se uma forma de agência perversa que gera maneiras abjetas de inclusão na sociedade de consumo. Estas, paradoxalmente, podem ampliar a exclusão dos personagens bem como criar brechas para sua inserção social. O romance de Ana Paula Maia narra, com originalidade, a representação entrelaçada da violência social e da negação de cidadania. Analiso o romance na maneira como o mesmo descreve e critica diferenças socioeconômicas dentro da temática do caos e da violência e suas consequências para o quadro social e humano.

A primeira parte discute a importância dos ritos de consumo como forma de agência social. Em particular, analiso as consequências sociais e humanas advindas da forma de inserção abjeta e violenta dos personagens para acedê-lo. Mobilizo os conceitos de «funcionalidade» e «disfuncionalidade» (Baudrillard, 1998) diante do consumismo supérfluo e considero as colocações de García Canclini (2001) sobre a sociedade de consumo. Discuto a representação feita por Maia sobre a qualidade da vida humana frente aos objetos. Na segunda parte analiso os efeitos da propaganda como arma eficiente de perpetuação da lógica capitalista de consumo. Através deste instrumento, os objetos se tornam símbolos de status e reforçam a idéia de que para ser um ‘cidadão’ há que se consumir. Discuto como alguns personagens da obra têm a função de «vítimas sacrificiais» (Girard, 1977) através das quais Egdar e Gerson reestabelecem a ordem. Paradoxalmente, suas vidas se organizam através da violência perpetrada contra as vítimas. Finalmente faço uma reflexão sobre como as práticas citadas acima afetam a qualidade da cidadania permitindo-nos classificar a democracia brasileira como uma «disjuntiva» (Holston, 2008) que abre brechas para a violência como forma de participação social.

Através da obra de Ana Paula Maia, como bem apresenta a Professora Anélia Montechiari Pietrani, «somos levados às portas do inferno» (Pietrani, 2011: 118). A novela de Maia trata da polpa da violência, atribuindo à autora a comentada

fama de ser o Quentin Tarantino em sua versão feminina. *Entre rinhas de cachorros e porcos abatidos* é composta de duas novelas literárias sobre a vida de «homens-besta». A primeira tem o mesmo título do romance e é onde conhecemos Edgar Wilson, ganhador do «troféu de ouro Porco Abatido» (67), que ‘abate’ homens, com a mesma maestria com que abate porcos e seu companheiro de rotina e de lazer, Gerson. Este último, para garantir sua própria vida, não hesita em arrancar o rim que anteriormente havia doado à irmã Marineia. Na segunda novela, «O trabalho sujo dos outros», conhecemos, em meio a outros personagens, o lixeiro Erasmo Wagner que lida com os tipos mais repugnantes de dejetos. O lixo é parte do seu dia a dia e é o que garante sua subsistência.

Este artigo analisará «Entre rinhas de cachorros e porcos abatidos». Aqui, Maia representa bem as questões sociais que tematizam a proposta de análise neste artigo. Iremos adentrar a história de Edgar Wilson e Gerson cujas mazelas se entrecruzam com o sofrimento de outros personagens que atravessam seus caminhos. São esses encontros que desencadeiam a violência através da qual Edgar e Gerson garantem, ainda que forçosamente, sua participação na esfera pública.

Lê-se na novela sobre humanos que se aproximam do comportamento animal, sobre sangue que se esguicha, cirurgias feitas com abridores de lata ou canivetes, sobre o mijo purulento e ensanguentado do homem que sofre de crise renal. As cenas violentas ilustram a rotina degradante dos personagens que são, conforme denomina o sociólogo Zygmunt Bauman, «humanos desperdiçados». Utilizo o termo cunhado por Bauman para explicar o status social de Gerson e Edgar Wilson que estão «em excesso, o redundante, um produto inevitável da modernização» (Bauman, 2004: 5). Os personagens representam a ‘sobra’ e o dejetos da sociedade. Eles ficam à parte do desenvolvimento econômico e social. Bauman diz que essas pessoas são vítimas que perecem devido à sua exclusão social e a outros problemas advindos da impossibilidade de sistemas econômicos pautados nas políticas neoliberais, de garantir uma sociedade verdadeiramente democrática. Um desenvolvimento democrático deve, sim, ampliar o mercado interno; mas, ao mesmo tempo, precisa viabilizar o acesso a políticas sociais e econômicas para todos. O consumo é uma forma de exercer a sociabilidade e está no cerne da lógica neoliberal de interação com espaço social.

A teoria do cidadão como consumidor, de Nestór García Canclini (2001), postula que o sujeito contemporâneo é influenciado por um crescente comportamento consumista. De acordo com Canclini, ser um bom cidadão implica em consumir. O sujeito contemporâneo realiza «rituais de consumo» para se conectar com a sociedade, permitindo afastarem-se da imagem de inferioridade social. Portanto, negar chances de participação igualitária na sociedade de consumo constitui uma negação ao direito de exercer a cidadania. Tendo esse direito reprimido, os personagens Edgar Wilson e Gerson encontram a solução em maneiras insurgentes de garanti-los.

Extrapolando os limites da agressão e da violência, Edgar transforma vidas humanas em *commodities*. O capitalismo predatório, na obra, rege a vida dos personagens e transforma humanos em seres ‘objetificados’. A qualidade da vida na novela é «funcional» (Baudrillard, 1998: 25). Uma das qualidades que Baudrillard atribui a esse termo é o da finalidade prática que possuem os objetos e sua capacidade simbólica de criar significados. Mobilizo os conceitos de ‘funcionalidade’ e de ‘disfuncionalidade’ no sentido de explicar como as vítimas de Edgar e Gerson perdem o caráter humano e passam a exercer uma ‘função’ prática. As vítimas exercem a finalidade de, através do ganho financeiro que representam, integrar Edgar e Gerson nas relações sociais de consumo. Mas essa forma abjeta de inserirem-se na sociedade de consumo invertem os valores: a vida se torna um objeto e, portanto, ‘funcional’ ao passo que Gerson e Edgar se tornam ‘disfuncionais’ por causa da irracionalidade expressa na violência de seus atos.

Na obra de Maia, a vida humana funciona como moeda de troca; é valiosa se gera algum retorno financeiro. Matar ou deixar morrer para possuir objetos e dinheiro faz com que os personagens sejam mais consumidores e, portanto, mais cidadãos. Baudrillard comenta que

os humanos da era da afluência estão circundados nem tanto por outros seres humanos, como estiveram em todas as outras eras, mas por objetos. As suas relações diárias são,

agora, menos com os seus companheiros, mas mais – numa curva estatística ascendente – com a recepção e manipulação de bens e de mensagens. (Baudrillard, 1998: 25)

Inserir-se na prática de consumo significa sentir-se vivo e atuante na sociedade.

Em «Entre rinhas de cachorros e porcos abatidos», a vida de Pedro, o ajudante do abatedor de porcos, Edgar Wilson, vale tanto quanto o peso de suas vísceras, que serão vendidas como as dos porcos. Nessa cena, Edgar Wilson flagra o ajudante «metendo em porcos que não lhe pertenciam» (25). Pedro tem uma relação sexual com um porco morto e o chama de Rosemary, a noiva de Edgar Wilson. Ao flagrá-lo, Edgar descobre quem é o amante de Rosemary, do qual ele já desconfiava. Na cena, Edgar Wilson:

Rasga Pedro ao meio, remove seus órgãos e fica admirado com seu peso. Pedro vale tanto quanto a maioria dos porcos, e suas tripas, bucho, bofe, compensaria a perda do outro porco [...] Edgar Wilson admira-se em ter subestimado Pedro algum dia. Ele moeria os restos mortais no triturador junto com os ossos da saca e venderia para a fabricação de ração para cães. (28)

Edgar degrada a imagem de Pedro, que o fizera um «cornudo» e o relega à posição desumanizada, que o transformara em uma porção de carne e vísceras. Edgar, não perdoa Pedro, pois este ameaçou sua masculinidade. Edgar usa a violência como forma de restabelecer sua identidade de homem viril. Se não se vingasse, seria desmoralizado diante de Gerson, que o apoia, relegando Pedro à condição de «lixo humano». Gerson diz: «Então ele teve o que mereceu. Não se preocupe, Edgar, ele não prestava pra nada mesmo. Eu faria o mesmo, mataria e lançaria aos porcos» (61). Gerson e Edgar têm muito pouco, mas a sua virilidade ninguém pode ameaçar. Eles a preservam, pois essa é uma das poucas maneiras que lhes restam de se expressarem socialmente, já que são destituídos de todos os seus direitos sociais.

A Edgar Wilson, que tem uma vida de limitações financeiras, interessa encontrar maneiras de garantir-se financeiramente. Pouco lhe importa se o que venderá são as tripas do ajudante assassinado ou as de um porco qualquer. Para que Edgar possa se tornar mais um membro ativo da sociedade consumista, Pedro funciona como um produto que garante a ele mais vantagem financeira. Matando-o e vendendo-o, ganha-se mais dinheiro. Assim como Pedro, a noiva traidora foi esartejada por Edgar e «foi devorada por uns porcos famintos durante toda a madrugada. Sem restos ou rastros. A geladeira com os imãs de frutinhas ele pegou de volta» (59). A vida de Rosemary tem menos valor do que uma geladeira com imãs de frutinhas. No primeiro caso, o de Pedro, Edgar vende os restos mortais para conseguir mais dinheiro. Já Rosemary o poupa do trabalho, uma vez que a geladeira oferece mais vantagens financeiras que a venda de seu corpo. O valor da vida humana é medido pelo quanto de lucro poderá gerar. A geladeira, além de ser um item indispensável, pois quem vive «pisando em asfaltos fumegantes sabe o que representa uma geladeira nova e que faz gelo» (62), representa uma vida melhor e também *status* social na comunidade em que Edgar e Gerson vivem. O eletrodoméstico denota luxo e *status*, haja vista que ganhá-la havia sido a condição para que Rosemary aceitasse se casar com Edgar.

Edgar Wilson não sente remorso de matar quem o incomoda. Esses são sentimentos muito refinados para «brucutus» como ele. Edgar, provido de quase nenhuma sensibilidade, um ser animalizado, segue a vida sem pensar nas consequências, pois a vida não tem cuidado com ele próprio, marginalizado socialmente. Portanto, Edgar forja sua ‘existência’ social através de uma forma perversa. Se a vida não cuida dele, por que então Edgar Wilson teria piedade pela vida da mulher moribunda que, como veremos, é vítima do acidente de carro provocado por um de seus porcos? Nessa passagem, Edgar e Gerson dirigem pela rodovia, levando, na traseira do carro, uns porcos que seriam vendidos. O carro tem um defeito mecânico, que os obriga a carregarem os porcos em bando ao longo da estrada. Alguns desses porcos fogem, invadindo a pista e causando um acidente com uma mulher que seguia por essa mesma estrada. Os dois amigos dão menos importância à mulher acidentada, preferindo preocupar-se com os porcos. Na cena, Gerson e Edgar conversam:

- Só tem cinco. É aquele manchadinho que não tá aqui.
- Deve ter corrido pro outro lado.
- Temos que achar, precisamos dos seis. Ouvem um gemido, um som ecoando intercalado com pausas e pensam ser o porco fugido, possivelmente ferido (48).

Mesmo tendo presenciado o acidente, a preocupação eram os porcos. A conversa continua:

- Você disse que tinha uma mulher ali dentro?
- Edgar vê uma mulher de meia-idade, desconjuntada entre as ferragens e com algumas fraturas expostas. A mulher tenta falar, mas não consegue [...] Do outro lado do carro Gerson apanha um telefone celular caído no chão, debaixo do banco do carona [...]
- Você sabia que esses aqui tocam música? (48)

Visando suas necessidades materiais, o que importava naquele momento era recuperar o prejuízo dos porcos fugidos. E a morte da mulher iria lhes dar um bônus, o moderno celular que toca música e tira fotos, outro símbolo de *status*. Através da possibilidade de possuírem um celular, esses personagens sentem que têm algum valor. Gerson, ao ter o telefone nas mãos, «Olha-se no espelho retrovisor, com aquele telefone agarrado na orelha, e sente-se um homem importante. Uma coisa dessas lhe cai muito bem» (52) e continua: «Se eu tivesse um desses, ia pegar muita mulher por aí» (55). No pensamento de Gerson esse é um sinal de ascensão social que lhe garante prestígio.

Agindo com perversidade, ignorando a mulher ferida, Gerson, em princípio, associa a posse do celular ao destaque social que esse objeto lhe atribuiria. Conforme o estudo de Baudrillard (1998), uma pessoa nunca consome um objeto em si; ao contrário, nós manipulamos os objetos como sinais que nos distinguem dos demais membros em nosso grupo social ou nos afilia a um grupo de maior destaque (61). A geladeira e o celular lhes dão acesso ao mundo do consumo tecnológico. Esses objetos são símbolos que empoderam socialmente Edgar e Gerson, fazendo-os sentirem-se mais viris, oferecendo-lhes um simulacro de mobilidade social, ainda que apenas aos olhos dos outros personagens. Ao menos é essa a mensagem que tais objetos remetem a eles. É como se o celular e a geladeira fossem uma porta de entrada para uma vida abastada, muito diferente da condição física e social do *habitat* em que vivem.

Os dois amigos habitam espaços suburbanos, onde pessoas vivem sob moldes de uma sociedade rural. Apesar de não podermos confirmar tal cenário através da obra, sabemos que, por exemplo, eles sobrevivem da cria e abatimento de porcos, atividade comum na zona rural. Ainda que pareçam viver isolados das cidades desenvolvidas, Edgar e Gerson, assim como os outros personagens de Maia, deixam transparecer a influência da globalização e da tecnologia sobre seu comportamento. Na tentativa de chamar socorro para a mulher presa às ferragens, Seu Zé, o homem para quem pedem ajuda, recomenda-lhes chamar o 911 que é o número de socorro dos Estados Unidos. Esse fato demonstra, de forma irônica, a forte influência da cultura hegemônica liderada pelos Estados Unidos sobre outras culturas, como a do Brasil. A influência global não tem limites, assim como o modismo da cultura de *shopping centers* também não. Gerson, por exemplo, deixa claro para Edgar que sua vida não se limita a abrir barriga de porcos, mas que ele também «frequenta muito esses lugares bacanas» (49). A globalização e a tecnologia veiculam os padrões de comportamento ‘adequado’ para que uma pessoa possa se inserir na sociedade e ser um ‘bom’ cidadão. Esse fato revela o impacto do consumo na sociedade contemporânea (García-Canclini, 2000; Bauman, 2007; Baudrillard, 1998).

Edgar Wilson e Gerson são seduzidos pelas propagandas e as imagens que as mesmas vendem: «Edgar Wilson vê, ao longe, uma propaganda de cigarros. A mesma marca que fuma há dez anos. Suspira até sentir um pouco da fumaça em seu interior escoar. Em dez anos, nunca conseguiu uma mulher tão bonita como aquela da foto. Talvez devesse fumar mais um pouco» (44). A cena representa o fato de o ser humano se alimentar das fantasias que a propaganda no outdoor proporciona. E essas imagens, por sua vez, também nos ‘consomem’. Vance Packard, em *The Hidden Persuaders* (1957), já escrevia sobre o poder da propaganda na

manipulação do estado psicológico. Conforme Packard, os consumidores são estimulados a comprar através das técnicas de marketing. O marketing cria nas pessoas, necessidades que elas sequer sabiam existir (Packard, 1957: 21). Essa técnica impulsiona o consumidor a fantasiar sobre a necessidade de consumir um produto. Mais especificamente sobre o consumo de cigarros Packard revela que as pessoas fumam porque «fumar as faz menos nervosas e mais sofisticadas. Fumar provê uma sensação de maturidade viril e uma satisfação psicológica suficiente para superar medos com relação à saúde, para enfrentar censura oral e a ridicularização» (Packard, 1957: 21). Assim, Edgar Wilson imagina que, ao fumar mais, será capaz de atingir o *status* do homem que vê, no outdoor, ao lado de uma bela mulher. As propagandas são armas eficientes do sistema capitalista. Através delas, os consumidores são convencidos a consumir mais e dessa maneira perpetuam o sistema consumista e capitalista dos quais nem todos podem participar. A participação limitada à algumas classes sociais gera impacto no conceito de cidadania e de democracia ocasionando o comportamento violento naqueles que procuram um meio de inserção forçada na cultura de consumo.

Através do valor atribuído pelos personagens aos objetos, o romance mostra a importância dos bens de consumo e a necessidade de participar dessa sociedade. A geladeira e os ímãs valem mais que a vida de Rosemery; o dinheiro vale mais que a vida de Pedro e, conseqüentemente, um celular que toca música e tira fotos, e a procura dos porcos fugidos tem prioridade sobre o salvamento de uma mulher. Mais uma vez, devido à urgência do consumismo, o valor da vida humana é negligenciado, mostrando-se que as relações sociais estão cada vez mais anômicas.

A violência usada por Edgar e Gerson sobre as vidas de Pedro, Rosemery e a dona do celular tinha a intenção de restabelecer a ordem social à vida dos dois amigos. As vítimas de Edgar e Gerson são, conforme Girard, «vítimas substitutas». Nos rituais de sacrifício das civilizações arcaicas, as «vítimas substitutas» eram usadas como válvulas de escape dos impulsos violentos acumulados no interior da sociedade. Nelas os verdugos despejavam o seu ódio. Assim, aliviam-se, poupando a sociedade de possíveis conflitos (Girard, 1977: 81). O propósito desses sacrifícios era restaurar a harmonia da comunidade e reforçar o tecido social. As vítimas para o sacrifício, como revela Girard (1977), deveriam ser humanos que fossem até certo ponto participantes da comunidade, mas que mantivessem um certo nível de diferença aos olhos dessa comunidade. Dessa forma elas eram escolhidas entre os seres que se encontravam fora ou às margens da sociedade. Pedro e Rosemery são vítimas perfeitas para Edgar e Gerson porque se encontram em um *status* social inferiorizado e fora da proteção da lei. Edgar e Gerson, por sua vez, são vítimas diante da sociedade, que os sacrifica, negando-lhes direitos sociais como capacidade de participar na arena do consumo, boas condições de moradia, trabalho e alimentação. Através de suas vítimas, Edgar Wilson e Gerson restabelecem a ordem social em suas vidas. Pelo ‘sacrifício’ das mesmas, a paz se reinstaura para eles. Edgar Wilson vingava-se da traição de Pedro e lucra com a venda dos seus restos mortais. Mata Rosemery e toma de volta a geladeira. E, com o celular da mulher morta, Edgar e Gerson recuperam o prejuízo do porco morto no acidente.

Analisando as rinhas como contextos de ritos sacrificiais, podemos estabelecer um paralelo entre as rinhas de cachorros às quais Edgar gosta de assistir e a «rinha de humanos», que se forma na trama. O governo ignora as ‘rinhas’ de humanos (ambiente de violência física e social), que se formam nos subúrbios e bairros pobres. Edgar, «criado feito cão de rinha [...] sabe que nasceu para matar porcos, cães e homens» (70). No contexto da novela de Maia, da mesma maneira que cães são sacrificados nas rinhas pelos homens, os representantes do poder público assistem impassivelmente ao sacrifício de humanos, simbolizado pela penúria econômica e falta de acesso aos benefícios da cidadania. A obra de Maia faz um paralelo entre as duas rinhas, a de cães – dentro das grades – e a humana no contexto social.

A violência, como em qualquer ambiente de sacrifício, é a palavra de ordem em todas as cenas de «Entre rinhas de cachorros e porcos abatidos», seja no âmbito social (negação de direitos básicos à sobrevivência) ou simbólica (cultural). Paradoxalmente, a violência é a ordem, pois ela é um componente rotineiro, presente nos

detalhes da vida de Edgar e Gerson. É, então, através da violência, que suas vidas se ‘ordenam’. Esses personagens, impregnados pela violência que se apresenta a eles sob formas diversas (como mencionado acima), só conseguem se organizar e extrair sentido para suas vidas em um contexto violento. Por exemplo, em busca de lazer, Edgar Wilson, se não está nas rinhas de cachorros, entretém-se com o amigo Gerson, assistindo às aventuras do ator Chuck Norris, interpretando o violento *Braddock*¹ (19). Para ele, não há no mundo bem mais precioso que as fitas do seu ídolo *Braddock*. Nos intervalos do trabalho, histórias como a do velho surdo atropelado na linha do trem (30) ou as lembranças de quando um deles matou e estripou o cachorro da vizinha Matilde (18), quem sabe ainda aquele caso do cão de nome Fofinho, o poodle do seu Alípio que comeu a família depois de um acidente fatal (30) são os assuntos que os mantêm entretidos e em paz. O caos e a violência sugerem a ordem na vida de Edgar e Gerson.

Apesar do caos e da violência, em que muitas pessoas no Brasil vivem, Holston, em seu livro *Insurgent Citizenship* (2008), comenta que:

A democracia brasileira tem avançado significativamente nas duas últimas décadas. De fato, a democracia foi a pioneira de inovações que a posiciona na dianteira do desenvolvimento democrático mundialmente. Ainda assim, precisamente ao mesmo tempo em que a democracia se estabelece, novas formas de violência, injustiça, corrupção e impunidade têm crescido dramaticamente. Essa coincidência é o paradoxo perverso da democratização no Brasil. Como resultado, muitos brasileiros sentem-se menos seguros sob a democracia política que eles alcançaram, seus corpos mais ameaçados pela violência diária do que durante a repressão ditatorial (271).

A controvérsia da desigualdade social em países politicamente democráticos como o Brasil reside no fato de que, teoricamente, um estado igualitário deve garantir a proteção dos direitos civis, políticos e sociais dos cidadãos, o que inclui, entre outras coisas, acesso à educação, à moradia, ao saneamento básico, à água tratada, à alimentação, à saúde, à segurança e às condições saudáveis de trabalho. No entanto, o que ocorre é que muitos desses estados ‘democráticos’ vivem uma «democracia disjuntiva» (Holston, 2008: 309). Segundo Holston (2008), as democracias desiguais são caracterizadas pelo impedimento da cidadania no aspecto civil, assim como sua sistemática violação de direitos civis, ocasionando situações de violência, injustiça e impunidade.

Percebe-se mais infrações contra o exercício da cidadania na descrição do espaço onde se desenvolve a narrativa: «quem vive no subúrbio quente e abafado, esquecido e ignorado» (16), «longe das praias de areias úmidas, comendo poeira, economizando água sob quase 40 graus diariamente, pisando asfaltos fumegantes sabe o que representa uma geladeira [...] assim como água tratada e esgotos fechados, mas ainda precisa conviver com as merdas ao ar livre e os vermes» (62). Essa condição representa uma realidade conhecida de brasileiros moradores de subúrbios e bairros desestruturados. A descrição dos subúrbios e dos bairros pobres na narrativa são características de lugares que fazem lembrar as cidades da idade média, em um tempo em que não havia o conceito de saneamento e outros tipos de infraestrutura urbana. Sabe-se que, por um lado, há a cidade tecnológica, desenvolvida e planejada dos ricos, e, na contramão, a arcaica condição de vida dos pobres, revelando a disparidade social entre estes e as classes média e alta no Brasil, ilustrada na fragmentação social e urbana que percebemos no texto de Maia.

Advindos de um sistema sociopolítico ineficiente, temos problemas sociais como a pobreza, a enorme desigualdade social e suas consequências, como o tráfico de drogas, junto à ineficiência do aparato estatal contra a corrupção que são apontados por Holston (2008) como os causadores da violência urbana. Em «Entre rinhas de cachorros e porcos abatidos», seguimos detectando a representação da violência social. Edgar Wilson e Gerson vivem no que Agamben (1998) classificaria como uma «exclusão inclusiva» ou «inclusive exclusion» (Agamben, 1998: 8). Utilizo este conceito de «exclusão inclusiva» para caracterizar a ambivalência do lugar social de sujeitos como os personagens Edgar e Gerson. Ao mesmo tempo que esses sujeitos fazem parte do corpo estatal, da sociedade, eles não se encaixam nem dentro nem fora dos parâmetros da lei. Eles devem obediência a ela, mas dela não recebem garantias que um país democrático deveria oferecer aos cidadãos. Os

¹ Personagem vivido pelo ator Americano Chuck Norris. *Braddock* é um personagem que age com violência e sangue frio contra o inimigo.

personagens herdam da lei a punição, mas dela não recebem medidas protetivas. Isso os leva a cometerem atos violentos para garantir, por suas próprias mãos, a sobrevivência e o dinheiro, que é o instrumento que garante acesso à cidadania.

O ambiente em que vivem Edgar Wilson e Gerson são espaços onde não se vê intervenção do Estado para melhorar as condições de moradia e a segurança dos marginais. Em lugares como os subúrbios onde moram, prevalece a lei do «olho por olho, dente por dente» e do «cada um por si». Nas palavras do narrador, «[P]or isso cada cidadão tem seu facão, amolado ou não» (72). Edgar Wilson e Gerson sabem que esperar apoio e proteção do governo (sob a forma de segurança pública e garantia de direitos sociais) é inútil para eles. Ter que viver sob a ordem do «olho por olho, dente por dente» denuncia a decadência da qualidade nas relações humanas. A vulnerabilidade a que a violência submete as pessoas, reflete o medo que se instalou entre elas obrigando-as a estarem em constante posição defensiva. Nota-se, sob o aspecto estritamente social, na passagem acima, a perda de uma identidade coletiva, da noção de comunidade, de bem-estar comum; enfim, da sociabilidade.

A presença do Estado para garantir o bom funcionamento da lei e da ordem social na novela só aparece em circunstâncias como as do exemplo a seguir:

É que por esses lados a polícia só aparece quando alguém de fato está morto. Só vêm mesmo para fazer a ocorrência, tomam um café enquanto esperam o rabeção e depois vão embora. Aqui, dificilmente se salva uma vida. É longe. Ninguém sabe direito onde fica. Se perdem no caminho. É o que dizem para justificar a demora. A polícia só chega mesmo para fazer a ocorrência dos fatos perante os mortos (72).

A ausência de proteção e cuidados para com esses personagens demonstra a indiferença da lei com relação às vidas dos moradores de bairros pobres e dos subúrbios. Essas pessoas, além de isoladas fisicamente das áreas mais desenvolvidas da cidade, quando morrem, viram estatística policial e só configuram na lei como ‘ocorrências’, revelando seu *status* de ‘menos-cidadãos’ perante a sociedade.

Edgar Wilson e Gerson vivem em lugares sem infraestrutura, onde «os bueiros não têm tampas, ficam expostos e trazem o primeiro descuido. Ao menos aqui as coisas funcionam assim» (72). Pessoas que residem nesses lugares insalubres ficam mais suscetíveis a doenças e têm dificuldades em encontrar tratamento público de saúde em cujos postos não se consegue atendimento para os inúmeros casos de pessoas doentes. O descuido com o sistema público de saúde representa um exemplo da quebra do contrato social que deixa os pobres sem tratamento, como, por exemplo, o personagem Gerson.

Gerson experimenta crises renais, mas é um homem resignado. Ele sabe que não terá apoio do Estado para se tratar. «O que eu posso esperar dessa vida, Edgar? O que eu posso esperar desses médicos? Desses hospitais? Vou sangrar até morrer [...] vou morrer nos corredores do hospital, Edgar» (80). Gerson sabe que pessoas como ele são ‘invisíveis’ para o sistema social. Em um país em que um número alto de pessoas morre nas filas dos hospitais públicos, que sequer têm leito para atender a todos, Gerson é apenas mais um para morrer em consequência das condições precárias das políticas de saúde pública no Brasil.

Não fossem as maneiras, embora violentas, encontradas por Edgar Wilson e Gerson para se assegurarem, já teriam perecido. Gerson precisava encontrar uma alternativa para sobreviver à crise renal, então é lembrado por Edgar Wilson que uma vez Gerson havia doado um rim à irmã Marineia. Então, Gerson, ajudado pelo abatedor de porcos, Edgar Wilson, em meio a conversas corriqueiras, tragos de cigarros e goles de cerveja, após desmaiarem Marineia, jogam-na dentro da banheira e iniciam o procedimento da retirada do rim outrora doado por Gerson. «Aqui, Edgar, a cicatriz. É só a gente cortar em cima» (35), «Gerson vai até a cozinha e volta com algumas coisas que talvez possam ajudar. Um abridor de latas, um cortador de legumes, colheres e algumas faquinhas sem serra» (35). E Edgar, com sua habilidade em abrir porcos, devolve ao amigo o rim que acabara de retirar de Marineia, apesar de nunca conseguir um médico que realize o transplante. Já que não podem recorrer a meios mais ortodoxos para tratar da saúde, fazem o que está a seu alcance. Edgar Wilson e Gerson insurgem-se e protegem a si mesmos, a

despeito da morte de outrem. Ao arrancar o rim de Marineia, nota-se que o instinto puro de sobrevivência impulsiona Gerson. Para ele, pouco importa se a vítima é sua irmã. A cena denota a quebra da sociabilidade também no ambiente familiar. Os laços de sangue não são suficientes para proteger Marineia do ataque do irmão.

Em «Entre rinhas de cachorros e porcos abatidos», como observamos acima, percebe-se a agressão de alguns personagens contra outros para garantirem sua participação ativa (mesmo que de forma abjeta) na sociedade. Como veremos a seguir, a narrativa também nos apresenta cenas de violência simbólica. Da parte da sociedade, esse tipo de violência se manifesta na intolerância à alteridade, na vontade de negar o outro. A sociedade segrega pessoas que são como os personagens de «Entre rinhas de cachorros e porcos abatidos» porque eles são pessoas para quem não desejamos olhar. A marginalização de sujeitos como Edgar e Gerson é devida à abjeção e à, anteriormente citada, ambivalência social a que suas vidas nos remetem.

De acordo com Julia Kristeva, «não é falta de higiene ou de saúde que causa a abjeção, mas sim o distúrbio na identidade no sistema, na ordem. O que não respeita fronteiras, posições e regras. O que está no ‘entrelugar’, o ambíguo, o composto» (Kristeva, 1982: 4). Edgar e Gerson são causadores de incômodo, pois se rebelam contra o *status quo*, aproveitando-se da lei que não está ali para protegê-los ou sequer puni-los e, assim, cometem crimes, ameaçando a ordem e o sistema. Vivendo às margens sociais, esses dois personagens representam ambiguidade e, por isso, não nos identificamos com eles.

É esse o poder do abjeto sobre nós: o medo do instável, do ambíguo, do que não nos parece humano, do que vem nos desestabilizar moral, emocional e num âmbito mais amplo, socialmente. Escondemos às margens da sociedade aqueles como Edgar e Gerson, que não se parecem conosco, pois são abjetos e que só nos servem, por exemplo, para realizar serviços que nenhum de nós quer fazer como matar e limpar a tripa do porco que mais tarde nos servirá de alimento e outras tarefas ‘marginais’.

Através do absurdo das cenas, Maia nos apresenta o cotidiano desses sujeitos marginais e, através da representação da abjeção, somos capazes de alcançar uma realidade sufocante que não faz parte da vida das classes mais abastadas. O aviltamento desses personagens nos separa deles. Eles são o resultado do que a socióloga Teresa Caldeira comenta a respeito da democracia brasileira: «no Brasil a democracia política trouxe consigo não o respeito pelos direitos, pela justiça, e pela vida humana, mas exatamente o oposto» (Caldeira, 2000: 52).

A obra revela, pois, que a cidadania, em contextos como os da vida de Edgar e Gerson, está em crise. Não há interação comunitária. Cada vez mais, como a obra representa, pessoas se isolam no mundo de suas necessidades individuais em detrimento de um agir social. Edgar e Gerson não se importam com ninguém. Mas as condições de vida em que vivem os obriga a serem assim; não há quem lhes dê algo em troca.

Conclui-se da leitura da obra de Maia que as variadas formas de violência, o ‘nojo’, o grotesco, o abjeto, o realismo feroz, o humor negro e a linguagem natural e cotidiana são estratégias da narrativa que servem para comunicar a estreita linha que separa a vida desses personagens da vida de cães de rinha e porcos. Através dessas estratégias, a autora consegue elevar à máxima potência a experiência do público leitor sobre a vida dos personagens que são ‘restos’ da experiência urbana. «O planeta está lotado», cita Bauman (2004: 5), e alguém terá que ocupar espaços não habitáveis para que os centros das cidades, que se contrapõem aos subúrbios, possam continuar a se desenvolver.

Cada uma das cenas do romance revela a ‘falta’ em todos os níveis, contra a qual Edgar e Gerson revidam de forma insurgente. Matar cães, porcos ou homens significa, no cotidiano dessas pessoas, uma forma de retirar obstáculos de seus caminhos e, ao atingirem seus objetivos, alcançam um simulacro de cidadania. Eles não esperam pela ajuda e pela justiça que nunca virão e «arregaçam as mangas» para fazer valer sua cidadania sem se importarem com quantas vidas terão que perecer das formas mais violentas e grotescas como o romance nos revela.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Agamben, Giorgio (1998), *Homo Sacer I: Sovereign Power and Bare Life*, Stanford, Stanford UP.
- Baudrillard, Jean (1998), *The Consumer Society: Myths and Structures*, London, Sage.
- Bauman, Zygmunt (2007), *Consuming Life*, Cambridge, Polity.
- Bauman, Zygmunt (2004), *Wasted Lives: Modernity and Its Outcasts*, Oxford, Polity.
- Caldeira, Teresa P.R. (2000), *City of Walls: Crime, Segregation, and Citizenship in São Paulo*, Berkeley, University of California Press.
- García Canclini, Néstor (2001), *Consumers and Citizens: Globalization and Multi-cultural Conflicts* (trans. George Yúdice), Minneapolis, University of Minnesota Press.
- Girard, René (1977), *Violence and the Sacred*, Baltimore, Johns Hopkins.
- Holston, James (2008), *Insurgent Citizenship: Disjunctions of Democracy and Modernity in Brazil*, Princeton, Princeton University Press.
- Kristeva, Julia (1982), *Powers of Horror: An Essay on Abjection* (trans. L.S. Roudiez), New York, Columbia University Press.
- Maia, Ana Paula (2009), *Entre rinhas de cachorros e porcos abatidos*, São Paulo, Record.
- Packard, Vance (1957), *The Hidden Persuaders*, New York, David McKay.
- Pietrani, Anélia M. (2011), «Um espaço (ainda) para o afeto, a utopia, a literatura», *Miscelânea*, 9, pp. 117-128.